

A ENGENHARIA TEOLÓGICA: CONSTRUINDO SOBRE O FUNDAMENTO DAS ESCRITURAS

Theological engineering: building on the scripture foundation

Dr^{ando} Luiz Tarquinio¹

RESUMO

As Escrituras Sagradas são a base para a solidez do labor teológico. Retirando o respectivo fundamento, as elaborações doutrinárias passam a depender mais de pensamentos e especulações humanos do que na fé em Deus e Seus caminhos. A Igreja é chamada ao posicionamento. A partir de quais princípios construirá seus edifícios magisteriais? A resposta a tal pergunta constituirá premissa que implicará, por consequência, as construções dogmáticas de determinada comunidade cristã, e naturalmente desempenharão fundamental importância na qualidade dos frutos produzidos. A premissa é a raiz donde se fixarão os troncos dos conceitos teológicos, donde surgirão frutos eclesiais. A qualidade do fruto dependerá da espécie de árvore plantada. Evadir-se ao cânon é fugir do padrão do Cristo, permanecendo sem bússola a pontear um norte seguro. Entretanto, tal fato não deve impedir o nascimento de neologias conceituais fundamentadas no magistério bíblico, uma vez que a iluminação do Espírito Santo não encontra limites temporais nem fora fechada juntamente com o cânon. Diante disso, é possível e saudável o desvelamento de novas sínteses e conclusões a partir dos textos inspirados, bem como é mister se faça o

253

¹ O autor é Pastor Batista, Teólogo, Contabilista e Advogado. Mestre em Teologia pela FABAPAR e Doutorando em Teologia pela PUC/PR. E-mail: prluiztarquinio@gmail.com

revigoração de doutrinas esquecidas e a publicização de conceitos pacíficos e já provados em sua pertinência bíblica. Contudo, o trabalho do teólogo não se resume a erigir, mas também em eclodir e derrubar visões não coadunadas ao magistério bíblico.

Palavras-chaves: Sã doutrina. Engenharia teológica. Labor teológico. Neologias bíblicas. Defesa do Evangelho.

ABSTRACTS

The scriptures are the basis for the solidity of theological work. Retiring their foundation, doctrinal elaborations becomes more on human thoughts than on faith in God. The Church is called to the positioning. From what principles will the church build their magisterial theologicals? The answer to this question will be premise which will consequently imply the dogmatic constructions of a particular Christian community, and will, of course, play a fundamental role in the quality of the fruits will be produced. The premise is the root where the stems of theological concepts will be established, where ecclesial fruits will emerge naturally. To evade the canon is to escape the standard of Christ, remaining without a safe north. However, this fact should not prevent the birth of conceptual neologies based on biblical teaching, since the enlightenment of the Holy Spirit finds no temporal limits nor was closed with the canon. In view of this, it is possible and healthy to unveil new syntheses and conclusions from the inspired texts, as well as to reinvigorate forgotten doctrines and to publicize peaceful concepts already proven in their biblical relevance

Keywords: Right doctrine. Theological engineering. Theological work. Biblical neologies. Defense of the Gospel.

INTRODUÇÃO

No presente estudo foram manejados textos bibliográficos selecionados qualitativamente com o fito de solidificar metodologicamente a pesquisa, concedendo-lhe rigor científico. Fez-se a utilização imediata de livros de teólogos de escol que se deram direta ou tangencialmente nos mesmos objetos deste artigo, a fim de agregar as sínteses dos seus trabalhos, corroborando, assim, os conceitos trabalhados no texto. O artigo, em *cours d'examen*, pretendeu, pois, abreviadamente relatar algumas etapas necessárias para uma eficiente engenharia teológica, isto é, passos indispensáveis para um labor teológico vinculado aos rigores do cristianismo bíblico.

O primeiro capítulo trata a respeito da necessidade de se construir uma teologia sobre o fundamento das Sagradas Escrituras, sem o que a construção possa se achar eivada de instabilidade, destituída de coerência com os ensinamentos doutrinários mais corretos. Nesta primeira etapa, fez-se o manejo de argumentos que colocam a Bíblia Sagrada como vetor que aponta para o alto, a facilitar o discernimento de Deus. No segundo capítulo, pormenorizou-se o fato de que a engenharia teológica não se resume a erguer novas estruturas dogmáticas, mas também no empreendimento de reformar as desgastadas e dar publicidade às já festejadas devido a sua coerência com o magistério das Escrituras. A seção derradeira explica que o labor teológico não pode evitar o confronto, o ataque. Assim como acontece nas demais engenharias, a demolição faz parte do trabalho normal dos respectivos técnicos. Desta maneira, a pena do teólogo deve ser adaptável, podendo ser concreto ou martelo, de acordo com as circunstâncias.

O presente artigo não anseia utopicamente ofertar veredito definitivo acerca do labor do teólogo, mas pretende servir de subsídio para aqueles que aspiram mergulhar na teologia com

os limites determinados pela Bíblia Sagrada, regra final de fé e prática para os cristãos.

1. A BASE DA CONSTRUÇÃO

A fé cristã deve repousar sobre os fundamentos das Escrituras. Retirar tal premissa é abrir-se aos mais variados tipos de persuasão existentes na dogmática social. Evadir-se a visualizar seriamente os princípios consignados na Bíblia Sagrada aproxima-se de uma fuga do próprio Deus, um apagar da luz acesa pela divindade, velar novamente o que fora revelado, blindando a mente de Deus aos homens, vez que a maior parte do que se sabe sobre Ele advém da literatura canônica. Sem as Escrituras, a Teologia seria construída sobre variadas especulações próprias dos que não detêm definições cabais. Sem os conteúdos bíblicos, faltaria à teologia a solidez e a clareza necessárias.

256

As Escrituras são o grande vetor que aponta para o alto. São como setas de sinalização, constituídas para que os viajantes cheguem mais facilmente a determinadas localidades. A Bíblia Sagrada serve para facilitar a relação humano-divina, construindo pontes para que as pessoas possam atravessar e alcançar a Deus. Pormenoriza as características, vontades e adjetivos divinos. Ao apagar a seta sinalizadora, a religação entre o homem e Deus é dificultada, assim como acontece com o viajante perdido por deficiência de placas nas estradas. A Bíblia conduz o homem a Deus. É a introdução que Deus faz de si mesmo, é seu cartão de apresentação. Sem as Escrituras, não se saberia acerca da vida de Jesus, Seu nascimento, doutrinas, milagres e ressurreição. Os relatos históricos disponíveis, paralelos às Escrituras, não dariam conta de perfazer, nem mesmo superficialmente, a ideia de quem seja Deus e aquilo que requer dos homens.

Não obstante, há poucas dúvidas em relação ao fato de que o cabedal axiológico contido no compêndio escriturístico é

mais um entre diversos outros conceitos e valores existentes na sociedade. A moralidade e ética cristãs estão inseridas e misturadas a outros valores observados pela comunidade humana, muitos deles completamente distintos do sistema cristão. Valores humanísticos, sociológicos, religiosos, filosóficos, políticos e econômicos incidem seu espectro sobre os sujeitos humanos, que são chamados a posicionar-se.

Portanto, os valores cristãos são tão somente um dentre vários outros existentes. Diante desse fato, a Igreja é chamada ao posicionamento. A partir de quais princípios construirá seus edifícios magisteriais? A resposta a tal pergunta constituirá premissa que implicará nas construções dogmáticas de determinada comunidade cristã, e, naturalmente, desempenhará fundamental importância na qualidade dos frutos produzidos.

A premissa é a raiz donde se fixam os troncos dos posteriores conceitos teológicos, e donde surgirão, como resultado, os frutos eclesiais. A qualidade do fruto dependerá da espécie de árvore plantada. Evadir-se ao cânon é fugir do padrão do Cristo, permanecendo sem bússola a pontear um norte seguro. A própria palavra *cânon* reflete o conceito de parametrização, de medidas estatutárias e limites. Esse fato *de per se* reflete a imagem de sua própria importância. A comunidade eclesial necessita do cânon para sobreviver dentro dos padrões cristãos.

Jesus afirmou: “Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras jamais passarão”.² Os conceitos em voga em determinada geração podem ser completamente desprezados noutra, definições que encontram festejos no mundo hodierno poderão ser eclipsados num futuro recente. Os aplausos presentes não invalidam a possibilidade futura de vaias. Mas, segundo explica

2 Mateus 24.35.

Jesus, as palavras de Deus jamais passarão. O profeta Isaías corrobora a argumentação, ao afirmar: “Seca-se a erva, e murcha a flor; mas a palavra de nosso Deus subsiste eternamente”.³ Diante disso, a Igreja deve fundamentar sua teologia no que subsiste à guisa de rochedo, antes do que naquilo que esteja em passagem transeúnicamente.

A engenharia teológica somente resistirá às tormentas das mudanças dos valores geracionais se não desprezar a boa técnica do magistério bíblico. Se a base não estiver suficientemente concretada, os pilares a qualquer momento poderão ruir-se aos frangalhos. Sem o rigor do comprometimento bíblico, nenhum solo é seguro, o que tornará periclitante qualquer estrutura sobre ele edificada. Se o doutrinamento teológico for construído sobre bases frágeis, certamente faltará segurança ao empreendimento. A base para uma engenharia teológica seguramente cristã deve ser, portanto, as Escrituras Sagradas.

258

Sem ela, os parâmetros serão meramente humanos, acordes ao ponto de vista de determinada escola ou doutrinador, o que não enseja a segurança necessária sobre a vontade de Deus, pois nem mesmo a ciência pode dar a estabilidade necessária a fim de se descobri-la. No máximo, gera focos de luz, mas não é a luz. Segundo o salmista, a Palavra de Deus é luz para o caminho. O grande cientista Karl Popper afirmou que a verdade da própria ciência é temporária, isto é, está posta até que um fato novo a falsifique, demonstrando, assim, seu cunho provisório.⁴ De forma assemelhada, propôs Kuhn ao defender as Revoluções Científicas das crises de paradigma.⁵ A pós-modernidade tirou a ciência do seu trono. Aquela que relativizara as estruturas das

3 Isaías 40.8.

4 POPPER, apud BENEDICTO, Ricardo Matheus. *Filosofia da ciência*. Batatais: Claretiano, 2013, p. 51.

5 LOEWER, Barry. *50 conceitos e teorias fundamentais explicados de forma clara e rápida*. São Paulo: Publifolha, 2014, p. 50.

Escrituras perdeu robustamente o séquito de defensores.

Ao retirar o basilar das Escrituras, o *lassaiz faire* torna-se raiz, tudo passa a ser possível e qualquer raciocínio legitimável. Apesar de as pessoas possuírem parcela de conhecimento acerca da vontade de Deus, tal porção cognitiva é rala, não proporcionando a certeza necessária. Os descrentes podem saber algumas coisas acerca de Deus por meio da revelação genérica, isto é, por ilações realizadas por meio da observação da natureza visível no mundo que os cerca. Não obstante, no mundo caído a observação será sempre imperfeita, parcial e passível de erro. Diante disso, instrumentaliza-se a utilização das Escrituras para amainar a quantidade de erros.⁶ Bem verdade não haja, inclusive para os portadores da Revelação Específica, impossibilidade do cometimento de equívocos e ruídos exegéticos, mas certo é que serão infinitamente menores daqueles cometidos pelos que sequer conhecem a Palavra de Deus.

259

Não se diga que a vontade de Deus poderia ser conhecida em tempo anterior à existência das Escrituras, pois, naquele tempo, a ignorância teve o efeito de ensejar manifestações mais diretas da divindade, a fim de se fazer conhecer a Sua vontade. Mas desejar as mesmas ações de Deus de outrora consiste em tentá-lo, almejando que faça sobrenaturalmente o que já pode ser realizado *in natura*. Deus não fará aquilo que cabe aos homens. O livro de Deuteronômio reza: “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei.”⁷

Defeito por demais cruel, devido a sua sutileza, estar em considerar as Escrituras em alto padrão, mas destituída de sua

6 GRUDEM, Wayne. Teologia sistemática. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 79.

7 Deuteronômio 29.29.

inspiração divina e inerrância, o que termina conduzido a uma engenharia teológica eivada de uma mesma fragilidade, pois retira a solidez dos escritos canônicos, tornando-os mais um entre tantos escritos humanos. Dúvida não há de que as Escrituras são produto da pena de homens reais e históricos, falhos e pecadores. Esse é o lado humano das Escrituras, mas há também o divino, que se assenta no fato de os autores canônicos terem sido inspirados por Deus para redigir os respectivos textos, como defende Berkhof:

Para nós, a Bíblia como um todo, e em todas as suas partes, é a própria Palavra de Deus, escrita por homens mas organicamente inspirado pelo Espírito Santo; a Bíblia não é o produto natural do desenvolvimento religioso dos homens, e não é apenas a expressão da consciência religiosa subjetiva dos crentes. Ao descansar no testemunho do Espírito Santo, nenhuma quantidade de investigação histórica pode abalar esta convicção.

260

Enxergar as Escrituras tão somente pelo viés humano é mitigar sua força, apagando sua canonicidade, tornando integralmente humanos os livros sagrados, desvinculando-os de Deus. Ao fazê-lo, o teólogo se depara novamente com a irrefragável relativização de toda a sistemática bíblica, deixando a comunidade cristã à mercê de quaisquer conceitos e informações que parecem *a priori* atraentes e corretos, fazendo com que o magistério eclesial se fundamente sobre pisos movediços, assim como acontece com o doutrinamento social *extra-fanus*.

A Bíblia não caiu pronta do céu, muito menos fora redigida pelos dedos divinos, nem proveio de uma literatura psicográfica. Ao contrário, as Escrituras foram construídas por meio de homens comuns que, naquele momento, estavam inspirados pelo Espírito Santo para este fim específico. “O fato de que a Bíblia foi inspirada por Deus, sendo assim a sua Palavra, também deve ser levado em conta por aqueles que desejam interpretá-la

corretamente”.⁸ Não se dar notação disto é retirar a solidez das bases, tornando perigosa qualquer construção teológica.

Ao considerar a importância de a Palavra de Deus estar assentada sob a forma literária, Grudem assevera:

Várias vantagens advêm das palavras de Deus em forma escrita. Em primeiro lugar, há preservação muito mais precisa das palavras de Deus para gerações seguintes. Depender da memória e repetir tradição oral é um método muito menos confiável de preservação dessas palavras através da história do que o seu registro por escrito. Em segundo lugar, a oportunidade para exame repetido das palavras escritas permite estudo cuidadoso e discussão, que levam a melhor entendimentos e obediência mais completa. Em terceiro lugar, a palavra de Deus em forma estrita é acessível a muito mais pessoas do que quando preservadas meramente por meio da memória e da repetição oral.

Os benefícios dos registros escritos podem ser vistos na atualidade por meio da instituição dos cartórios, que possuem assentamentos escritos dos bens imóveis dos respectivos proprietários, e, também, pode ser observado nos procedimentos bancários, que deixam por escrito o valor depositado em cada conta de seu cliente, juntamente com as respectivas posições dos seus investimentos. Certamente, poucas pessoas desejariam possuir uma conta num banco cujos registros fossem somente orais. Os registros literários ensejam segurança.

261

2. O DESAFIO DE CONSTRUIR

Uma das conquistas da Reforma Protestante foi embutir irrefragavelmente um basilar para as doutrinas cristãs, qual seja o assento sobre as Escrituras. Os ensinamentos eclesiásticos

8 NICODEMOS, Augustus. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação*. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 25.

devem construir seu magistério baseados nos consignados bíblicos. A engenharia teológica responsável não poderá se dar à revelia dos construtos escriturísticos, sob pena de inviabilizar a si mesma desde a origem, não podendo, assim, sob o ponto de vista cristão, ser considerada teologia, uma vez que esta se faz por meio do caldeamento dos princípios *ad fontes*. Se a raiz está eivada, os frutos da árvore seguirão a toada. Por mais atraente que seja determinada elaboração doutrinária, não encontrando albergue nos princípios bíblicos, deve ser repensada.

Construir, segundo o prisma proposto neste artigo, não implica ação tal como erigir e erguer, considerados aqui parte imediata da construção, mas também implica ação de retomada e reiteração, consideradas aqui construções mediatas. Retomar chama à baila a ideia de repisar verdades esquecidas, as quais, devido a variadas situações, ficaram entre parêntesis, relegadas ao esquecimento. Assemelha-se à ação de repintar uma parede antiga e mofada no tom original, dando-lhe o brilho que já tivera. Prisma distinto, reiterar encontra concernência com a visão de corroborar, fortalecer doutrinas festejadas, impulsionando ainda mais pensamentos já construídos.

Ao trabalhar a definição de construir, não se está relacionando, portanto, tão somente aos erguimentos imediatos de neologias conceituais, mas também com a visão de construções mediatas postas em prática por meio das retomadas e corroborações. Vê-se, de tal sorte, que a engenharia teológica se dá no erguimento de novos conceitos, mas também na retomada de dogmas antigos e na afirmação e festejo das verdades já divulgadas, desde que tudo isso encontre seu fundamento nas Escrituras Sagradas do Cristianismo.

Dentre as posturas próprias da construção, o erguimento de novos conceitos teológicos é a que mais deve reter a atenção do teólogo, requerendo cuidado cirúrgico, pois, neste caso, o ob-

jeto é recém-nascido, e, portanto, inexplorado. Deve-se, ao máximo, desconfiar das novas descobertas, pois tesouros existem mas normalmente já se encontram nos museus do magistério eclesial. Como tudo que ainda não foi muito trabalhado, existem substanciais possibilidades de erros e ruídos interpretativos. Responsabilidade exegetica e visão bíblica acerca da Revelação fazem-se necessárias para o teólogo que anseia pela verdade, pois, como afirmou Carson⁹:

As falácias exegeticas são frequentes entre nós, cuja graça e responsabilidade recebidas de Deus são a fiel proclamação de Sua Palavra. Se alguém cometer um erro na interpretação de umas das peças de Shakespeare ou escandir incorretamente um verso spenceriano, é improvável que isso acarrete consequências eternas. Mas não podemos aceitar facilmente uma complacência semelhante na interpretação das Escrituras. Estamos lidando com os pensamentos de Deus; somos obrigados a nos esforçar ao máximo para entendê-los verdadeiramente e explicá-los com clareza.

263

Não há *epistemedoxia*¹⁰ à revelia da premissa reformada de que as Escrituras são a palavra de Deus. Evadir-se a tal premissa é encontrar-se sob a égide dos variados sopros humanos a conduzir para sínteses desconcertadas.

Por outro lado, apercebe-se, no bojo dalgumas escolas teológicas, ingentes dificuldades em admitir neologias conceituais, como se tudo que Deus quisesse expressar por meio das Escrituras já tivesse encontrado iluminação¹¹ definitiva, como se o

9 CARSON, D. A. Os perigos da interpretação bíblica: a exegese e suas falácias. 2.ed. São Paulo: Shedd, 2001, p. 14

10 Utilizamos o termo, embora prefiramos *epistemedoxia*, uma vez que nos arrazoados dos scholars mais festejados *doxa* refere-se mais a uma opinião do que a verdade.

11 O termo está vinculado à técnica teológica que admite que a Iluminação é a ação do Espírito de desvendar as verdades contidas nas Escrituras.

homem já tivesse a compreensão exata de todo o consignado na Revelação. Impedir que Deus continue utilizando as Escrituras para impor suas verdades, é o mesmo que advogar doutrinas misturadas ou falsas. A ação iluminativa do Espírito não pode ser escurecida. Compreende-se que o respectivo receio deve-se ao justo desígnio de se evitar possíveis ruídos doutrinários, dando espaço para o engendramento de doutrinas ádvenas, de conteúdo reprovável. Mas parece que a política interpretativa mais adequada não seja o erguimento de barricadas de defesa contra as noveis ideais *in totum*, mas o correto discernimento bíblico acerca de suas legitimidades ou não. Erguer defesas baseadas tão somente no dogma de determinadas comunidades eclesiais não é suficiente ao teólogo, que deve advogar antes os dogmas escriturísticos, sob pena de reverberar mais do que profetizar, opinar mais que conhecer.

Mais do que alhures, no campo referente à construção de novos conceitos bíblicos, o teólogo deve ter muito cuidado, pois aqui encontra-se sozinho, diante de questões ainda não trabalhadas por mestres precedentes, o que agiganta o desafio teológico. Quando um determinado tema ou assunto já foi trabalhado anteriormente, há matéria-prima mais abundante para o teólogo, que pode se servir de outrem para o soerguimento de sua tese. “Precisamos ser gratos a Deus por ter colocado os mestres na Igreja. Devemos permitir aos que têm o dom de ensino que nos ajudem a entender as Escrituras”.¹² No caso dos novos conceitos e temas, pode-se tão somente contar com auxílios mediatos e não imediatos.

Noutra ótica, não se deve desprezar, para o sucesso do labor teológico, o cuidado com a vida espiritual do teólogo. Ele precisa começar pelo mais importante. Deve permanecer sendo

¹² GRUDEM, 1999, p. 15.

cheio do Espírito Santo, haja vista a vastidão de heresias construídas meramente devido a carnalidades como o orgulho e a vaidade, que impregna o coração do teólogo com o desejo de ser observado e aplaudido. A maior parte das heresias não teria nascido se dessem ao patrocinador um auditório particular para que fosse ovacionado, tirando do circuito religioso. O trabalho do teólogo é para a glória de Deus, assim como as raras mas possíveis descobertas. Ademais, a própria interpretação das Escrituras carrega também consigo o fato da necessidade de auxílio iluminativo do Espírito, portanto, quanto mais dependência houver, maior será a viabilidade da respectiva exegese. Assim reza o Salmo 119.18: “Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei”. Após o que, o teólogo deve nutrir grande conhecimento lexical, gramatical, cultural, teológico, histórico, geográfico ou de qualquer outra área que subsidie o encontro das verdades bíblicas.¹³ Pois, como quaisquer outros textos, as Escrituras precisam ser interpretadas. Não há possibilidade de leitura destituída de interpretação, mesmo que tal leitura seja de um simples jornal. Sendo um texto, as Escrituras da mesma forma necessitam passar por um processo interpretativo. Cada vez que se lê a Bíblia, faz-se interpretação incontenente, explicitamente ou não.¹⁴

A engenharia teológica, entretanto, não se resume a construir novos pilares sobre os mesmos alicerces, mas também em retomar conceitos em ruínas. É fato que inúmeras definições e sínteses encontram-se ao ocaso, em ostracismo que causa grande impressão, devido ao fato de cada geração possuir predileções específicas por certas doutrinas em detrimento de outras. Isto se deve a variados fatores sociais, políticos e históricos. Há doutrinas bíblicas, *verbi gratia*, que não se coadunam com valo-

13 CARSON, 2001.

14 NICODEMOS, 2013, p. 21.

res festejados na modernidade, o que termina por ensinar a não divulgação ou publicização de algumas verdades, como implicitamente argumenta McDowell ao questionar: “Você já observou que algumas coisas consideradas relevantes para uma geração são completamente antiquadas e inúteis para outras?”¹⁵

Há conceitos bíblicos que podem causar verdadeiros escândalos inclusive nas próprias comunidades cristãs. Desta forma, seguindo a regra do menor esforço, poucos se arriscam em tratar de temas mais áridos. O teólogo, no entanto, não deve evitar passar em revista as doutrinas nucleares do Cristianismo. Há causas menores e minúcias, bem verdade, que não valem a pena retomar. O custo-benefício não é válido, o preço pedido pela retomada é maior que o benefício alcançado para o Reino, e, aqui, toda sabedoria se faz necessária para o bom êxito do labor teológico. Mas existem diversas outras doutrinas esquecidas que precisam ser retomadas para o bem do Evangelho e maior efetividade do Reino de Deus.

266

Uma terceira maneira de se proceder à construção teológica é dar-se publicidade aos conceitos já existentes que encontram harmonia com os conteúdos bíblicos, reverberando mais do que criando, reafirmando, defendendo, reiterando. Esta é a parte da construção normal, devendo ser a mais corrente entre os teólogos e também a menos complicada de ser realizada, haja vista o tratamento da matéria já realizada anteriormente por mestres de escol, que, com seu desempenho, forjaram materiais aptos a robustecer determinados temas bíblicos. Aqui o teólogo deve estudar as respectivas posições, mas não sem a atenção de se esforçar para traduzir ainda melhor os conceitos e doutrinas bíblicas para sua geração. O labor, neste aspecto, ganha cunho reverberativo, pois o estudioso repisa teorias já dissecadas e pa-

15 MCDOWELL, Josh. Evidências da fé cristã: respostas eficazes para defender sua fé. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 25.

cíficas. Não se pense, entretanto, que o teólogo, nesta dimensão, não exerça um trabalho relevante, pois é fundamental que os tesouros doutrinários encontrados e já descobertos cheguem às mãos dos cristãos, não adiantando muito sua existência sem a fiel divulgação. Adicione a isto, o importante fator de que não adianta a existência de doutrinas e conceitos fortes, já bastante divulgados e completamente de acordo com os princípios bíblicos, se não há detalhada explicação. Neste caso, é importante que o teólogo seja outrossim um tradutor, alguém que consiga falar verdades antigas de uma maneira atual, de forma que sua geração compreenda o que se quer dizer. Ninguém melhor que um contemporâneo para falar a linguagem para o seu tempo.

3. O DESAFIO DE DESTRUIR

Mas o labor do teólogo não permanece circunscrito a erigir estruturas doutrinárias sólidas, mas também requer dele a responsabilidade de demolir produtos ideológicos que não se harmonizem com os conceitos advogados pelas Escrituras Sagradas. Ao mesmo tempo em que deve lutar pela verdade mantém peleja contra as mentiras, da mesma forma que é responsável pela edificação, detém múnus específico para a destruição e o ataque, tudo isso visando à construção da sã doutrina.

267

Nada pode ser construído em lugar já edificado. Para se realizar uma construção em determinada região, mister se torna a demolição da obra precedente. Há determinadas construções que podem ser aproveitadas, ainda que em percentual proporcionalmente pequeno, mas geralmente para o erguimento de uma estrutura nova com projeto arquitetônico completamente distinto, deve haver demolição completa daquilo que está erguido. Jesus ensinou:

Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, pois o remendo forçará a roupa, tornando pior o rasgo. Nem se põe

vinho novo em vasilha de couro velha; se o fizer, a vasilha se reventará, o vinho se derramará e a vasilha se estragará. Ao contrário, põe-se vinho novo em vasilha de couro nova; e ambos se conservam.¹⁶

Geralmente, o velho erro precisa ser completamente dissipado, podendo pouco ser aproveitado, se se desejar a concretização de uma engenharia teológica mais efetiva.

Os erros teológicos podem ser fruto de uma gama diferenciada de fatores. Focar-se-á, neste artigo, de maneira superficial e não exaustiva, somente alguns deles, até porque o presente texto não se propõe a isso, não tendo o intuito, portanto, de cavar mais verticalmente questões relacionadas ao tema, que poderão ser tratadas por outro pesquisador em tempo oportuno.

Comecemos com o defeito de compreensão em relação à inspiração das Escrituras. Muitos há que não a considerem plenamente inspirada. Isto é, nem tudo que há na Bíblia adviria diretamente de Deus, podendo ser fruto particular da mente dos escritores sagrados. Tal pensamento gera ingente instabilidade uma vez que se deve selecionar dentre as várias passagens quais delas são ou não inspiradas, restando somente respingos de autoridade nas Escrituras. No final das contas, retira-se a autoridade de Deus para colocar nas mãos dos intérpretes, que, por meio de especulações e princípios hermenêuticos em voga, decidirão o que seja ou não fruto da mente divina.

O correto entendimento acerca da inspiração gera consequentemente a visão exata acerca do princípio da inerrância. Pois se a Bíblia adveio de Deus e este é absolutamente onisciente, não há erros e defeitos nos textos autógrafos, como afirma

¹⁶ Mateus 9.16-17.

Geisler e Nix¹⁷: “A inspiração atribui autoridade. Fica, pois, saliente o fato de que a inspiração concede autoridade indiscutível ao texto ou documento escrito”. Tal pensamento corrobora a indicação paulina contida em sua Segunda Carta a Timóteo: “Toda a Escritura é divinamente inspirada...”

Outro problema bastante comum a ensejar erros no labor do teólogo concerne à impertinência de uma advocacia denominacional acrítica. Há scholars mais comprometidos com os regramentos de sua denominação do que com os princípios defendidos e divulgados pela Escritura, limitando o magistério bíblico em favor dos tratados de sua denominação particular. Diante disso, não poucos evitam o espírito profético para defender os riscados dogmáticos de sua própria comunidade eclesial. Neste sentido, o teólogo deixa de atentar para o que as Escrituras rezam para defender o arcabouço do lecionário denominacional. Entretanto, a importante e necessária comunhão denominacional deve caminhar de mãos dadas com o espírito profético. *Ec-clesia semper reformanda!*

Não se pode esquecer, outrossim, que muitas vezes erros são divulgados devido a problemas antropológicos. Estes podem manifestar-se de variadas formas. Como seres limitados e maculados nas origens, o homem por vezes se equivoca, mesmo sem má fé, compreendendo as Escrituras de modo menos correto. Bem verdade que muitas vezes a interpretação bíblica é malfeita devido à negligência dos exegetas no aprofundamento de um tema; noutras condições, devido à falta de estudo e manejo das ferramentas hermenêuticas mais adequadas. Não se deve esquecer, todavia, de um outro grave e sutil problema: o desejo de validar uma atitude equivocada. Para evadir-se ao *mea culpa*, à confissão e à conversão comportamental, o teólogo compe-

17 GEISLER, Norman; NIX, William. Introdução bíblica. São Paulo: Vida, 2006, p. 21.

le o texto a afirmar o que nunca pretendeu. Igualmente, o erro pode promanar do desejo de relevância e respeito na comunidade acadêmica ou eclesial. Assim, o teólogo se esforça para criar uma nova tese, inventar doutrinas e caminhos não projetados na arquitetura bíblica. Não se pode esquecer, na mesma toada, dos descaminhos traçados por líderes que fazem qualquer negócio, pregam qualquer evangelho, defendem qualquer doutrina que sejam necessárias para ocupar os bancos vazios de suas respectivas comunidades.

A engenharia teológica, portanto, ganha relevância na medida em que não somente constrói, mas também derruba. O teólogo responsável entende que seu labor não se restringe à construção, mas, na mesma medida, à demolição. O trabalho do teólogo não se resume ao aumento dos conceitos teológicos, nem mesmo às retomadas e às corroborações de pontos de vista mais escorreitos; faz-se, ainda, na luta pela diminuição das doutrinas equivocadas.

270

A engenharia teológica é realizada com cimento e grandes martelos. A engenharia teológica corretamente posta é aquela que levanta na mesma medida que derruba. Ergue novos edifícios dogmáticos, revitaliza e divulga outros, mas igualmente explode edificações construídas sobre bases que não são bíblicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se proceder à retirada da base escriturística da teologia, esta subverte-se antes em estudo do homem e não de Deus, uma espécie de antropologia híbrida, que nucleíza o homem autonomamente, deixando Deus à revelia, sem voz ou vez. Proceder desta forma é ressoar o grito de independência da teologia, com a mesma retumbância da rebeldia proferido por Adão e Eva ao rejeitar a submissão. Algumas independências são mortíferas. Há abolições que na verdade conduzem para as piores prisões.

A teologia bíblica é a única que pode deter consigo a insígnia de cristã. Sem as cercas e os limites oferecidos pelas Escrituras, o *lassaiz faire* torna-se como um deus, e todo e qualquer raciocínio pode ser legítimo.

Por outro lado, as Escrituras são a Palavra de Deus e não suas interpretações. A revelação de Deus está posta em definitivo, mas o Espírito permanece iluminando os corações em direção a uma melhor compreensão dos textos inspirados. Destarte, não se deve podar o teólogo do encontro de novas sínteses. É necessária a abertura para o descortinamento responsável e bíblico acerca da vontade de Deus. Igualmente, o teólogo deve manter-se responsável por conceder importância às verdades bíblicas importantes, mas esquecidas, sendo responsável por sua revitalização, não podendo, da mesma forma, deixar de divulgar as doutrinas bíblicas já pacificadas. Fazendo isso, a construção de estruturas doutrinárias sólidas serão manejadas a contento.

271

A engenharia teológica afinada e competente não pode, na mesma toada, olvidar-se de trabalhar pela demolição de definições, conceitos e doutrinas que não estejam coadunadas com as verdades escriturísticas. O trabalho do teólogo não se resume a levantar, mas também a derrubar. Ele deve lutar arduamente a fim de não permitir que os fermentos causem danos e estragos na comunidade cristã. As doutrinas estranhas sempre existiram e continuarão a brotar qual espinho na lavoura de Deus. Compete ao técnico do Evangelho, agrônomo da plantação de Deus, envidar todos os esforços para impedir o crescimento das ervas daninhas, sabendo que muitas delas somente diminuirão se forem arrancadas pela raiz.

Espera-se que este texto tenha sido útil para aqueles que desejam conhecer mais verticalmente o trabalho que se espera do teólogo cristão. Apesar de não definitivo, este artigo pretende oferecer subsídios para que outros pesquisadores continuem a desenvolver o tema para um maior e melhor esclarecimento.

REFERÊNCIAS

BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Filosofia da ciência**. Batatais: Claretiano, 2013.

BERKHOF, Louis. **Introdução ao Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica**: a exegese e suas falácias. 2.ed. São Paulo: Shedd, 2001.

GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução bíblica**. São Paulo: Vida, 2006.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

272

LOEWER, Barry. **50 conceitos e teorias fundamentais explicados de forma clara e rápida**. São Paulo: Publifolha, 2014.

NICODEMOS, Augustus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

MCDOWELL, Josh. **Evidências da fé cristã**: respostas eficazes para defender sua fé. São Paulo: Hagnos, 2006.